



QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALVÍO

VILA VERDE



AVENÇA

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

Urge acudir à Lavoura

no concelho de Vila Verde

III

Prosseguimos a série de artigos em que propusemos estudar, ainda que ao de leve, a crise que atinge a Lavoura no Concelho de Vila Verde.

É grave, não de carácter accidental; caminhamos a passos largos para uma situação angustiante.

O Concelho de Vila Verde tem os seus casais de lavoura tradicionais fortemente empenhados e outros, já caíram nas mãos do comerciante ou industrial da cidade, que nas terras procura o passa tempo das suas fainas e uma consolidação de capital, ainda que sem a compensação de juros.

São muito poucos os lavradores que não têm sérios compromissos. Os encargos são muitos. O amanho das terras fica por elevado preço; os produtos têm má procura, passam por mãos de muitos intermediários, muitas vezes pouco escrupulosos.

Depois vêm os encargos do fisco e as quesílias nos Tribunais que são um sugadouro.

O Concelho de Vila Verde larga anualmente muitas centenas de contos na justiça.

Tinha a Lavoura uma grande compensação, para estas sangrias, nos seus bravios.

Infelizmente também o que se passa nos nossos montes é grave. Há muitos montes onde não é possível fazer nascer pinheiros.

A praga das cabras infesta por toda a parte. Pequenos lavradores ou cabaneiros, sem leira nem beira, têm as suas cabras os seus gericos, que invadem tudo, arruinando a riqueza florestal, que seria o mugalheiro do lavrador nas graves contingências.

Mas ainda há coisa pior. No seu espírito cristão e tolerante o lavrador não leva muito a mal que os pobres vão aos seus montes, aparem as árvores, recolhendo a lenha para seu gasto.

Mas o que acontece? Há muitos que não vão ao jornal. De dia e de noite assaltam as bouças, roubam pinheiros e mandam-nos vender. É desaforo. Se fosse em épocas de falta de trabalho, ainda se poderia tolerar, mas quando há tanto jornal e remunerado como nunca, é abuso inqualificável.

Assim os pinheiros são sacrificados e desbaratados ainda novos, sendo difícilimo encher uma bouça, que daria lenha para os pobres e madeira para os lavradores salvarem os seus encargos extraordinários.

Devemos também confessar que os lavradores, alguns, têm muita culpa.

Quando as forças da G. N. R. prendem qualquer vendedor de lenha sem bouças, aparecem, muitas vezes, lavradores a dizerem falsamente que foi um pinheirinho, que ofereceram. Quando é atuado um rebicho de cabras, aparece o lavrador, que até ali se queixava, a dizer que deu licença para o apascentamento.

Que fazer assim?

O Concelho de Vila Verde é essencialmente agrícola, por isso só conta para os seus encargos com os produtos da Lavoura.

As dívidas dos lavradores do Concelho já são muito superiores a 40.000\$00.

Só em dinheiros da Caixa Agrícola e manifestados a dívida é superior a 20.000\$00. E agora, nos Bancos e mãos particulares, não manifestados, deve passar

(Continua na 4.ª página)

Aquela Nossa Senhora

Aquela Nossa Senhora
Que mora atrás da vidraça,
Faz-me lembrar uma fonte
Que mata a sede a quem passa.

Não é lá das mais bonitas.
E o tempo comeu-lhe a cor...
Mas, se a gente olha para Ela
E reza... fica melhor.

Dizem que «é muito velhinha»,
Que «há poucas assim agora»
E todo o povo quer muito
Aquela Nossa Senhora.

Pôs-se cá fora da igreja,
Assim ao alto e na frente,
Pra que toda a gente a visse
E Ela visse toda a gente.

E aquela Nossa Senhora
Lá ficou a ser a estrela
De quem, nas sendas da vida,
Se quisier guiar por Ela.

Francisco Sérgio

Hoje, Missa Nova, em Mós

Como anunciei, é hoje, às 10,30 horas, na igreja paroquial de Mós, a missa nova do Rev. António da Mota Gonçalves.

Prometi aos leitores falar do novel sacerdote. Eis-me a cumprir o dever.

O P.e Mota sobressaia na vida académica pela sua boa disposição, amor à virtude e ânsia do saber.

Espírito alegre, expansivo e simpático, nunca na sua companhia se estava senão a rir. E lembro neste momento, as representações de carnaval ou os «Fogos de Conselhos» dos escuteiros, em que o Mota Gonçalves nos arrancava sinceras gargalhadas e nos maravilhava com a sua arte do palco.

Sempre alegre e risonho, até das horas mais difíceis da vida estudantil — aulas rigorosas, disputas solenes, exames, etc., etc. — sabia colher e dar-nos o quantum de humorismo e de agradável, que a vida sempre tem. E' esta, sem dúvida, a primeira grande qualidade do novo sacerdote — a alegria.

Mas o P.e Mota era também exemplo de virtude, especialmente da virtude da piedade. Estou a vê-lo no coro da capela do Seminário, depois dos companheiros se retirarem, sozinho e recolhido perante o Sacrário, a rezar o terço, o Breviário ou, tantas vezes, a Via Sacra.

Estudioso também o era. Recordo-me duma disputa de filosofia, em que o Mota foi chamado a expor e defender uma tese nada fácil. Pois fê-lo brilhantemente! Como, porém, no Seminário, não se concede o canudo de doutoramento aos alunos, eis os colegas do Mota Gonçalves, à noite, depois de mortas as cólicas da disputa, a levá-lo em triunfo, aos ombros, entre capelos e lanternas, pelo claustro do Seminário, e a aclamá-lo, aí mesmo, no claustro, numa certa e cómica solenidade, «senhor doutor em filosofia»...

Não vou com isto dizer que o Mota fosse vítima desse estúpido exclusivismo escolar em que certos alunos de mórbido pensar às vezes se aferrolham. Não! Se não desprezava os esgotantes programas do Seminário também não esquecia tantos outros assuntos, que a eles remota ou próximamente se prendeu. Assim se alargam os horizontes intelectuais dos alunos.

Acabado o exaustivo curso do Seminário em Junho deste ano, ordenou-se de presbítero no dia 10 do mês, que hoje mesmo termina.

E é hoje mesmo que a sua terra de nascimento, a linda paróquia de Mós, o verá subir, pela vez primeira, ao Altar de Deus, para celebrar o Sacrifício da Nova Lei.

A Missa Nova do Sr. P.e Mota Gonçalves, há-de ser para Mós e freguesias vizinhas, uma festa solemne.

(Continua na 4.ª página)

Confirmação

Anda o Senhor Bispo através do nosso arceprelado a conferir o Santo Crisma. Julgamos, por isso, muito oportuno transcrever do Catecismo, o que se refere a este Sacramento.

«Por via de regra, a confirmação não se deve administrar às crianças antes do uso da razão, isto é, antes dos sete anos, porque este sacramento tem por fim tornar-nos fortes para os combates, que temos de travar pela fé de Jesus Cristo, e as crianças antes do uso da razão não são capazes de tais combates.

Para se receber válida e dignamente o sacramento da confirmação é necessário:

- 1.º — ser-se baptizado;
- 2.º — estar em graça de Deus;
- 3.º — tratando-se de pessoas que têm o uso da razão, saber as principais verdades da fé e o que diz respeito a este sacramento.

No sacramento da confirmação, sendo possível, deve haver um padrinho para os homens e uma madrinha para as mulheres.

Semelhantermente ao que sucede no baptismo, só aqueles que satisfazem às condições prescritas pela Igreja poderão ser padrinhos ou madrinhas no crisma.

Como regra o padrinho ou madrinha da confirmação há-de ser diferente do padrinho ou madrinha do baptismo.

O sacramento da confirmação aumenta a graça santificante, dá-nos o Espírito Santo, com a abundância dos seus dons, e imprime na alma um carácter indelével.

Embora no baptismo se receba já o Espírito Santo e os seus dons, atribui-se à confirmação o conferir o Espírito Santo e os seus dons, porque os crismados recebem estes em maior abundância na confirmação do que receberam no baptismo.

A confirmação não é absolutamente necessária para a salvação, porque não nos dá a primeira graça, mas todos os cristãos devem procurar recebê-la por causa dos grandes benefícios que nos proporciona. (E faz mesmo pecado quem podendo recebê-la a não receba por não querer).

A confirmação só pode receber-se uma vez, por causa do carácter indelével, que imprime na alma.

Quem duvidar se já recebeu ou não o sacramento da confirmação, deve manifestar a sua dúvida ao ministro do sacramento, o qual lhe administrará sob condição.

SAUDADES

Já sente meu coração
Saudades da minha aldeia,
Das cantigas ao serão
Em noites de lua cheia...

Do clarão dos arrebóis,
Quando soam as matinas;
Do canto dos rouxinóis
Entre as flores das campinas;

Do tremular dos choupais
Entre as águas das devesas,
Onde, em tardes estivais,
Erravam minhas tristezas.

Ó lua pálida e calma
Que iluminas as herdades,
Anda iluminar-me a alma,
Anda matar-me as saudades!

S. João da Madeira, 28 de Julho de 1960.

A. DA LOUSA

ARRAIAL-ARRAIAL!

Arraial, Arraial! Era o grito das hostes Portuguesas. Arraial, arraial, por El-Rei de Portugal... Pelo seu Rei e Senhor, os lusitanos pelejavam heróicamente, até darem a vida. E o Rei, celebrava a vitória, no mesmo campo da batalha.

Prado, também dá o seu grito de guerra, reunem-se as forças, distribuem-se instruções de batalha, e dá-se a peleja. Eis o grito retumbante de guerra e de vitória. — Arraial, arraial, arraial. Por Jesus Hóstia, Rei do universo e Senhor de Portugal.

No próximo dia 7 de Agosto, Prado veste as suas melhores galas, para festejar publicamente a vitória do Rei e Senhor. Precedido das forças fiéis, «as confrarias e associações» Jesus Hóstia, será levado em triunfo pelas ruas da freguesia, sendo aclamado pelo Seu povo fiel com Hossanas ao filho de David.

Em trono improvisado no largo da feirã, Jesus Hóstia, aceitará o preito de vassalagem e fidelidade de toda a paróquia, que é terra de S.ta Maria. Magna assembleia será essa!

Todos irmanados em sã cristianismo, sem respeitos humanos, acompanharão entre cânticos e incenso, o Rei, Senhor e Deus, como o faziam os povos da Palestina. Todos os Pradenses saberão ocupar o seu lugar, marcar a sua presença, não só no Arraial, que é a procissão eucarística mas na luta ao crime, ao pecado, que dias antes se desencadeia, no quartel general da freguesia, que é a Igreja Matriz.

Pradenses: assentai arraiais, juncai de palmas e flores o caminho do cortejo triunfal! E' o próprio Rei, o mesmo Jesus que pregava na Galileia, que vai passar abençoando o povo. Curva-te reverente à Sua passagem! Joelhos em terra, coração ao alto, almas em oração! Aclama-O, rende-lhe vassalagem e amor, apresenta os teus pedidos: a cura da tua alma, o perdão das tuas culpas... o céu. E' o mesmo Deus que foi aclamado em Jerusalém, Aquele mesmo que perdoou à mulhar adúltera, e restituiu à vida a filha de Jaire. E' o mesmo Jesus, que curou os dez leprosos. Peçamos-lhe também a nossa cura, a ressurreição das nossas almas. E cantemos entusiasmados: Hossana, Hossana, ó filho de David.

Jovens sem Luz

CRIAR E EDUCAR

Neste mundo enxameado de preguiçosos e diligentes, de homens com arregaçada aversão ao trabalho e daqueles cujo sentido prático da palavra «parar» desconhecem, encontramos uma miscelânea de sentimentos cuja destriça, embora susceptível, é de difícil separação.

Mesmo assim e com um pequeno esforço, podem distinguir-se, com maior ou menor facilidade, os que, em pouco tempo fazem muito e os que durante toda a vida acabam por nada fazer, com o máximo de energia. Depende em grande parte da preparação de cada um, dos hábitos mais ou menos enraizados e dos métodos de que cada um se serve.

A todos é notório o dispêndio de energias físicas, intelectuais e morais que tantos e tantos pais negligentemente desperdiçam, na melhor das intenções, sem contudo, conseguirem o fim almejado. A educação dos seus filhos deixa sempre muito a desejar, comparados com tantos outros cujo desgaste é muito menor e de óptimos resultados.

Educar deriva dum verbo latino que quer dizer «tirar de dentro para fora» donde se conclui que educar uma criança é tirar do interior dela aquilo que ela carece, o que nos leva imediatamente a adoptar os meios necessários a atingir o fim desejado.

Dar uma ordem a uma criança seguida de uma ameaça é o pior caminho por onde poderemos enveredar.

É até muito corrente entre nós, e disso todos dão tes-

(Continua na 4.ª pág.)

VILA VERDE

Óbito — No dia 27 de Julho, na sua residência ao Campo da Feira de Vila Verde, faleceu confortada com os Sacramentos da Santa Igreja, a sr.a D. Laurinda Rodrigues Vilela, viúva, de 82 anos. Era uma senhora muito piedosa, toda dedicada ao serviço da Igreja Paroquial. Durante toda a sua vida tinha a seu cargo o arranjo dos altares do Santíssimo Sacramento e do Sagrado Coração de Jesus.

O seu funeral constituiu mais uma prova da muita estima em que era tida nesta Vila.

Teve os officios solenes na Igreja Matriz de Vila Verde, sendo depois trasladada para o cemitério da vizinha freguesia de Barbudo, para o jazigo da família Vilela.

Era mãe das sr.as D. Maria do Pilar Rodrigues Vilela e de D. Dafila Rodrigues Vilela Guimarães, e dos srs. Constantino Rodrigues da Costa Vilela e Alberto Rodrigues da Costa Vilela.

A toda a família enlutada apresentamos os nossos pésames.

Incêndios — O dia 22 de Julho foi assinalado por uma série de incêndios nas freguesias vizinhas de Vila Verde. Era um dia escaldante, de temperatura elevadíssima, ainda agitado por um vento norte propício ao desenvolvimento dos incêndios.

Pelas 16,30 horas foram chamados os nossos Bombeiros para um forte incêndio que lavrava em Geme, na casa comercial do sr. Manuel Veloso.

Os bombeiros compareceram dentro de cinco minutos e montaram a sua nova moto-bomba, que alimentou duas mangueiras. O incêndio foi dominado, poupando-se a parte principal da casa. Ardeu totalmente uma arrecadação contígua.

Feito o rescaldo, foi pedido o auxílio dos Bombeiros para um incêndio que lavrava na Laje, no lugar do Souto, numa casa habitada por um pobre sapateiro.

Quando os bombeiros chegaram, embora rapidamente, só tiveram a fazer o rescaldo. Foi difícil conseguir água para alimentar a moto-bomba, que também funcionou bem. Teve nesse dia uma boa estreia.

Tem o Concelho de Vila Verde uma Corporação de Bombeiros disciplinada e provida de material.

É preciso que o Concelho olhe para ela com reconhecimento e a auxilie.

O VILAVERDENSE F. C., PREPARA-SE PARA O PRÓXIMO CAMPEONATO DA 1.ª DIVISÃO DE BRAGA

A Direcção do Vilaeverdense, anda preocupada com várias aquisições a fazer para a nova época, pois é necessário que o Clube ainda faça melhor, para bem representar o nome desta hospitaleira terra.

O Vilaeverdense vai encontrar clubes de certa categoria e por conseguinte dificuldades em os enfrentar.

Está pois, em vista contratar um treinador-jogador de elevada categoria, para melhor preparação dos seus atletas. Esperamos o apoio de toda a massa associativa, e dentro em breve teremos, no nosso campo de jogos, o Arcos, Límianos, Monção, F. Vianense, Esposende, Famalicão e Fafe. Portanto é preciso ajudar o Clube. As despesas vão ser mais elevadas. É preciso ajudar os pequenos, para mais tarde serem grandes.

Vilaeverdenses: não vos esqueçais de amparar e ajudar o único representante deste concelho, nesta prova. (Continuará)

«O Santuário do Alívio»

Encontra-se à venda este esplêndido livrinho da autoria do conhecido historiador bracarense Leonídio de Abreu.

Impresso na «Pax», tem 64 páginas e, numa prosa corrente e concisa, apresenta os capítulos seguintes: S. Miguel de Soutelo, Foi Nossa Senhora que me apareceu, O segundo santuário, Os estatutos, As festividades, As promessas.

Arcelino, outro valor bracarense, ilustrou-o com excelentes fotografias do aspecto lateral do santuário, da actual nave da Igreja, da Imagem de Nossa Senhora do Alívio, da actual casa das estampas, da residência do reitor, etc.

É uma obra indispensável aos amigos do Alívio, da arte e da história. — F. S.

Fuga do Pecado

Foge do pecado, como da morte. O pecado ofende a Deus, estraga a tua vida e compromete a tua salvação. As grandes santas, que são a honra do teu sexo, as heroínas cristãs, que a Igreja colocou sobre os altares, tiveram sempre esse cuidado, preferindo morrer a ofender a Deus. Lembra-te de Santa Luzia Santa Inês, Santa Agueda, Santa Perpétua, e tantas outras, cujos nomes gloriosos se tornaram imortais? Parece que os inimigos da alma ainda procuram seduzir mais a mulher do que o homem e mais as raparigas que as mulheres. Como todo o pecado começa pela tentação, resiste, desde o princípio, ao tentador, para não vires a cair. É boa prática o dizer muitas vezes: Senhor não me deixeis cair em tentação, mas livrai-me de todo o mal. São palavras de Jesus, que Ele ouve sempre com ternura. A frequente recordação da presença de Deus e o uso das orações jaculatorias, devem fazer-te um grande bem, porque só é verdadeiramente forte o que pede e recebe o auxílio de Deus. Ora, para não caíres.

Legionária de Maria



MAQUINAS PARA ADEGA
APARELHOS PARA ANALISES
PRODUTOS PARA VINHOS
TESOURAS DE PODA «PRADINHA»

Sociedade de Representações Guipemar, L.

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 — 1.º — PORTO
Telef. 28093 Teleg. Guipemar

PRADO

OBRAS — Vão adiantadas as obras da igreja matriz. Muitos contos se gastaram já, e, se os paroquianos, em geral, têm cumprido o seu dever, não podemos, no entanto, deixar de insistir em que têm realmente a obrigação (5.º mandamento da Santa Igreja) de «contribuir para as despesas do culto».

A igreja é de nós todos. Todos, portanto, devemos ajudá-la.

Começará na próxima quinta-feira, o tríduo do Santíssimo Sacramento que terminará com a magnífica festa do Domingo seguinte.

Teremos depois, em 21 de Agosto, a Visita Pastoral. Bom era, portanto, que os senhores moradores dos lugares mais vistosos da freguesia, como por exemplo e sobretudo, os das margens da estrada, que leva à igreja, arrajassem os seus prédios.

VILEGIATURA — Para as Pedras Salgadas seguiu há dias, o nosso bom amigo sr. António Fernandes Loureiro e sua esposa sr.a Amélia C. Loureiro.

—Para as mesmas terras foi, também, o Sr. cônego Domingos Peixoto da Costa e Silva, director deste jornal.

—Das terras das Taipas chegou o nosso amigo sr. Afonso Pinto e esposa.

—Cumprimentámos, há dias, o sr. José Alves (Castelhão) que nos disse vir em breve, passar algum tempo em Prado.

—A convite do sr. António Soares da Silva, grande amigo da nossa terra e colaborador deste jornal, partiram para S. João da Madeira os nossos amigos José Correia Igreja, Quirino Rosas e A. F. Pinto, estes dois últimos também colaboradores do nosso jornal.

—Com destino à União Sul Africana, veio despedir-se de nós o paroquiano Fernando Vieira de Sousa, que se ausentou em 12 do corrente.

Vai para a companhia do nosso amigo e antigo catequista José Macedo de Oliveira, mais conhecida por José Teófilo.

Pedimos a Deus para que conserve sempre os bons sentimentos da sua família e para que siga o exemplo do nosso amigo José Teófilo, que nunca se esquece da sua terra e daqueles que o estimam.

—Teve a amabilidade de nos visitar o nosso amigo e assinante José Torres da Cunha, ausente em Lisboa, entregando-nos uma nova assinatura.

Muito reconhecido pela gentileza, fazemos votos pelas suas maiores prosperidades.

BAPTISMOS — Aos 15 de Julho, António Cândido, f.º de Daniel Quintas e da Rosa Gomes. São padrinhos António Lopes Ferraz e Luisa Fernandes Pessoa.

Em 17, José Alberto, f.º de Tomás da Silva Precioso e de Ermelinda de Carvalho Gomes. Padrinhos: José Maria Gomes de Sousa e Rosa de Carvalho Gomes.

Aos 24, Adolfo Carlos, f.º de Francisco de Oliveira e de Carmen Gomes Ferreira. São padrinhos Adolfo Gomes Ferraz Fernandes e Rosa Peixoto da Mota.

Também em 24, Maria Luisa, f.a de Adolfo da Silva Araújo e de Maria da Conceição Lopes Gomes. Foram padrinhos José de Sousa Ferreira e Luisa da Silva Araújo.

CASAMENTO — Em 23 de Julho, uniram-se pelo Santo Matrimónio Bento Dias Vieira e Virgínia Cerqueira. Felicidades.

OBITOS — No dia 23 de Julho, voou para o céu o menino Luís Gonzaga de Azevedo Ferraz Machado, de 7 meses incompletos, f.º do sr. Francisco Ferraz Machado e D. Maria Carolina de Jesus Gama.

—Entregou a sua alma a Deus, em 2 do corrente, a Sr.a Maria Teresa da Silva Graça.

Teve uma morte verdadeiramente edificante, dando-nos a feliz esperança da sua eterna salvação.

A sua alma foi sufragada com Missa de corpo presente, de 7.º dia e Obradas.

—E no dia 4, deixou este mundo o Sr. António Maria Gomes, do lugar de Vilar.

Morreu também santamente como santamente tinha vivido.

A imitação da anterior, também foi sufragada com Missa de corpo presente, de 7.º dia e Obradas. Sentidas condolências às famílias enlutadas.

Oleiros

O'BITO — Depois de dolorosa e prolongada doença faleceu no passado dia 15 do corrente a sr.a Felizmina Fernandes Nogueira, com 70 anos de idade.

FERIAS — Já se encontram em férias as sr.as professoras que leccionaram este ano em Chorenthe, Barcelos e Aguçadora, Póvoa de Varzim, respectivamente me-nina Zulmira de Jesus Gonçalves e Rosa Fernandes Pereira, bem como as estudantes desta freguesia vindos dos vários estabelecimentos de ensino de Braga.

NOSSA SENHORA DOS ANJOS — Aproxima-se o primeiro domingo de Agosto e com ele a realização da tradicional festa de N. S. hora dos Anjos. Na sequência dos anos anteriores realizou-se a o Jubileu no dia 6 e a festividade no domingo, dia 7, com luzida procissão e sermão por distinto orador sagrado.

ESTADAS — Passou 12 dias de visita à sua família o querido filho desta terra Rev. Pe. Vitor, director do convento de S. Francisco de Gondomar.

DE REGRESSO — Regressou a semana passada do sanatório marítimo de Gelfa em Ancora o sr. Manuel Lopes de Sousa, que ali se encontrava desde Janeiro em tratamento. Fol-gamos com as suas melhoras e com seu regresso ao convívio dos seus. — C.

Atães

ANIVERSÁRIO — No dia 24 do mês corrente festejou o seu aniversário natalício o sr. Manuel de Sousa Araújo, nosso assinante, residente em Lisboa e filho do sr. José António de Araújo e da sr.a Ana Rosa de Sousa, desta paróquia. Muitos parabéns.

Freiriz

BAPTISMO — Com o nome de Júlio (foi baptizado um filho do sr. Manuel Gonçalves Rego e da sr.a Glória Pereira. É o primeiro herdeiro. Parabéns.

O'BITOS — Com 82 anos de idade faleceu na sua residência, o sr. José de Macedo (Pedreiro). Paz à sua alma e pésames à família.

No dia 12 de Julho fomos surpreendidos pela notícia da morte repentina do cidadão americano natural desta freguesia, João Macedo de Oliveira, que depois de passar entre nós 2 meses, morreu repentinamente em Lisboa (junto ao hotel onde se encontrava hospedado à espera de embarcar para os Açores, donde de sua esposa é natural.

Mais uma vez se cumpriu a S. Escritura «a hora em que menos pensardes o Filho do Homem vem. Estai pois sempre preparados.»

OBRAS NA IGREJA E CEMITERIO — Estão praticamente concluídas as obras na Igreja e Comitério desta freguesia que hão-de ficar por mais de 10 contos. Estão de parabéns os membros da comissão de obras que à custa de grandes sacrificios tem angariado o dinheiro necessário.

VISITA PASTORAL E FESTA — Realiza-se nesta freguesia, no dia 27 de Agosto, a Visita Pastoral, e, no dia 28, a costumada festa anual, que este ano vai ter bilho (nunca igualado. Que todos colaborem

RECORDANDO

No pretérito dia 11 do corrente mês de Julho, passou o terceiro aniversário da posse do Sr. Juiz Conselheiro Doutor António de Azevedo Abranches como Governador Civil do nosso distrito.

Por motivos alheios à minha vontade, não me foi possível ir cumprimentar Sua Excelência, como era meu desejo de amigo. As notícias, porém, dos relatos que li no «Diário do Minho», no «Correio do Minho» e em «O Primeiro de Janeiro» dos dias immediatos, causaram-me grande e viva satisfação por verificar, mais uma vez, o quanto o Sr. Doutor António Abranches é estimado e considerado por quase toda, senão toda, a gente boa e de destaque do distrito, quer no campo social em geral, quer, até, no campo político — situacionista e não situacionista.

Para mim essas notícias causaram-me, como disse, grande e viva satisfação e alegria.

É que, a quando da nomeação de Sua Excelência para Governador Civil de Braga, um comum amigo nosso, que tem desempenhado nesta situação política os mais altos e honrosos cargos, perguntou-me em Lisboa como, por nós bracarenses, foi recebida a sua nomeação. Disse-lhe eu, então, que foi recebida com muita satisfação e agrado, atendendo às suas qualidades de homem e de magistrado, de nós por demais conhecidas. E também disse, a esse mesmo nosso comum amigo, que essa nomeação era uma ESPERANÇA para a necessária e desejada união de todos em prol dos interesses de Braga, pois Sua Excelência, pelo seu trato amável e gentil, pela sua inteligência, pela ponderação adquirida em tantos anos de magistratura e pelo conhecimento do meio, onde passou a sua juventude e constituiu família, tinha todos os predicados para conseguir essa união de valores, tão carecida para os legítimos interesses de Braga e seu distrito.

Estas afirmações fiz eu, como disse, há três anos em Lisboa.

E o tempo, o grande Mestre da vida, as tem confirmado.

É que, se Sua Excelência é intransigente na defesa dos seus ideais, da situação política actual e da pessoa ilustre do Sr. Doutor Oliveira Salazar, é, todavia, compreensivo e, por educação, respeitador das opiniões e dos ideais contrários, quando sentidos e honestos.

E a confirmação desta verdade está no facto de, por essa comemoração da sua posse, Sua Excelência ter recebido cumprimentos de situacionistas, e de não situacionistas com responsabilidades pelo seu passado digno, intransigente, como Sua Excelência, no seu ideal mas, também, compreensivos e respeitadores pelos ideais alheios.

E isso só dignifica e honra a quem assim procede.

Portanto, repito mais uma vez, é com grande prazer espiritual e com sentida alegria que eu vejo continuar, confirmadas aquelas minhas, então, afirmações esperançosas feitas em Lisboa.

Ao relembrar a mim mesmo essas afirmações que fiz e ao verificar que elas continuam a ter confirmação unânime de todos os bons valores de Braga, sinto-me satisfeito e feliz, porque, se é verdade que elas foram ditadas pela minha alma de amigo, cuja amizade foi alicerçada nos bancos do nosso antigo Liceu, na Universidade, e pela vida fora, até hoje, nunca desmentida, também é verdade que, ao fazê-las, baseei-me mais no conhecimento directo que tinha, e tenho, das qualidades e virtudes pessoais de Sua Excelência, do que nessa mesma amizade que nos liga e une há mais de quarenta e tal anos.

E já que, como disse, não me foi possível nesse dia apresentar a Sua Excelência os meus humildes mas sinceros cumprimentos, ao relembrar o passado aqui os deixo publicamente e, como amigo e bracarense, rogo a Sua Excelência que, a bem de Braga e seu distrito, continue essa política de união, de união de todos os valores bracarenses.

E, como católico, elevo ao Senhor uma prece, solicitando-Lhe a Sua graça e bênção para Sua Excelência e sua excelentíssima família.

Prado, Julho de 1960.

LUCIOLO A. COELHO

DOÇARIA
LUZITANA

Rua Francisco Sanchez, 119-127
Tel. 3300

e Jardim de Santo Bárbara

BRAGA

Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

— Esmerado serviço de casamento e festas de todas as espécies

Pico de Regalados

S. CRISTÓVÃO

Realizou-se com toda a solenidade o Sagrado Lausperene no passado dia 20 do corrente. O nosso estimado pároco empregou todos os esforços para engrandecer esta devoção que muito há-de concorrer para afervorar os paroquianos que corresponderam ao chamamento daquele que há muitos anos os dirige para a verdadeira felicidade. Na anterior vários sacerdotes desta região atenderam as confissões de muitas pessoas que quiseram aproveitar a ocasião para receber a Sagrada Comunhão, adorando no Sacrário do seu peito, durante alguns minutos. Aquele que adoraram durante a noite e o dia presente no trono rodeado de velas e perfumadas flores que carinhosamente dispuseram as briosas zeladoras dos altares.

A hora regulamentar foi celebrada a missa solene pelo sr. P.e José Maria Barbosa, pároco da freguesia, com a colaboração dos párocos vizinhos, sendo pregado um sermão em honra do Santíssimo Sacramento.

Seguiram-se os turnos de adoração durante a noite e o dia seguinte, notando-se sempre na igreja bom número de pessoas, pois tanto os homens como as mulheres mais uma vez cumpriram o seu dever. Na tarde do dia 20 e à mesma hora do dia anterior terminou esta solenidade com outra missa solene, sermão e procissão eucarística, notando-se mais uma vez grande número de devotos que vieram prestar homenagem ao Senhor.

Esperamos que Jesus há-de abençoar mais uma vez os paroquianos e o pároco desta freguesia para que todos vão um dia repetir no céu e por toda a eternidade os actos que realizaram durante estas 24 horas de adoração e desagravo pelos pecados de todo o mundo e dum modo especial pelos desta freguesia.

Parabéns ao brioso pároco e aos seus paroquianos que com ele colaboraram para o brilho desta solenidade.

Festa do Padroeiro—No dia 25 do corrente foi lembrado o nosso padroeiro, S. Cristóvão, com missa cantada e outros actos de piedade. Esperamos que ele, no Céu, com a Sua valiosa intercessão, há-de pedir a Deus pelos seus protegidos.

VILARINHO

Como já noticiamos o nosso amigo, João Antunes da Cunha, trouxe do Brasil uma generosa esmola para a electrificação paroquial.

Prometemos publicar os nomes dos filhos desta terra que trabalham no Rio de Janeiro e que concorreram para este melhoramento e por isso vimos agora cumprir o que prometemos.

João Antunes da Cunha, 1.000 cruzeiros; António Antunes da Cunha, 1.000; Manuel José da Rocha e Silva, 1.000; Manuel de Araújo Meireles, 1.000; António de Araújo Oliveira, 1.000; Armando Araújo da Silva, 1.000; Mário Pimenta, 1.500; António Machado Rebelo, 1.000; José Carvalho de Sousa, 500; Armando Carvalho de Sousa, 500; António Antunes Fernandes, 500; e Silvestre Pimenta da Silva, 500.

Parabéns a todos e votos para que continuem a lembrar-se da terra onde viram a luz do dia e para que contribuam para o seu engrandecimento.

Outros melhoramentos—As duas estradas que ligam o lugar de Real e o do Pomar, encontram-se em mísero estado. A primeira foi cortada a expensas do nunca esquecido filho de Vilarinho, sr. Joaquim Vilela, com a colaboração dos habitantes do referido lugar e a segunda foi aberta até à igreja paroquial à responsabilidade do pároco de então e desde a igreja paroquial até ao termo do lugar do Pomar pela Junta da freguesia, trabalhando numa e noutra o povo da terra.

Como a Junta não tem receita para a conservação destas estradas, espera-se que a Câmara Municipal as mande reparar com a maior urgência possível, pois no inverno tornam-se intransitáveis.

Há promettimentos grandiosos para o progresso desta freguesia.

Esperamos que se tornem realidade e que não fiquem apenas em palavras e cá estamos prontos para lhes fazer a justa referência, pois também desejamos com todo o interesse o bem desta terra.

SANDE

Terminou o ano escolar que começou a funcionar na Casa da Confraria do Senhor e que por ordem superior terminou já no novo edifício ultimamente construído pelo governo da nação e que já é uma consoladora realidade na nossa terra. Trabalha-se para a sua inauguração solene a realizar em dia que se há-de combinar com as autoridades que têm competência no assunto.

Tanto as professoras como as crianças estão animadas da melhor vontade para aformosear o local, pois já plantaram várias árvores e flores que o embelezam.

O resultado dos trabalhos escolares foi muito consolador, pois tanto a professora, D. Ester do Sameiro Ferreira de Barros, como a regente, D. Maria de Sá Martins, empregaram os seus esforços para desenvolver e aumentar a cultura das crianças de Sande, merecendo a admiração e estima dos pais das mesmas crianças. Em todas as classes se notou bom aproveitamento e na quarta foram aprovados cinco meninos e duas meninas cujos nomes passamos a mencionar e que são:

António Francim Veloso da Silva, João Leal de Barros, Alberto Leal de Barros, João de Oliveira, José da Silva Abreu, Glória de Araújo Gonçalves e Virgínia Meireles da Silva.

Parabéns a todos, não esquecendo a professora que carinhosamente empregou o seu trabalho para os ensinar.

Catequese—Está a funcionar a catequese diária para todas as crianças desta freguesia. Fez-se o recenseamento catequístico de todas as crianças desde os cinco anos até treze e chegou-se à conclusão de que estão incluídas nessa idade cento e sete crianças, sendo quarenta e oito meninos e cinquenta e nove meninas. Quase todos frequentam a catequese, pois tem-se verificado a presença de 100 crianças. Fazemos votos para que aproveitem o mais possível e para que aumentem os seus conhecimentos religiosos.

Cervães

«PROGRESSO PARA DO...» — Assim como há no Minho uma ponte, em que todos os dias se anda para trás, também há uma terra em que há três obras que não sei se em nome do progresso, se no do retrocesso, ou vejo todos os dias também, andar para trás.

Não haverá— para elas se merecerem uns lubrificantes marca bairrista e Boa-Vontade, a ver se se lhe vê o fim, antes de se perder, como no inverno se tem visto nessas grandes obras, parecerem ser só para se perder os muitos contos gastos nelas?

São três estradas, muito precisas e muito bem começadas, mas... Mas quem Matizava alguém e... resmungivas tu leitor... Mas, é pena não as concluir, quando para mais não seja, ao menos para calar as más linguas políticas dos papantes que quando vêm a liberdade treiteira e eleitoral no horizonte, fazem de U. N. um pandeiro carnavalesco até tocar a quebrado e ameaçam empoucar o último salazarista com as tripas do último papista.

— Voltemos às três obras ou estradas; se eu fosse quem os reclamou, vá lá. Compreendia-se que eu tivesse vontade de ver as estradas concluir-se, que elas parassem.

Porém pedilas os grandes bairristas regionais os nossos bons chefes e amigos políticos locais e situacionistas ou governamentalistas, isto é que não está certo — meus senhores!

Para já, Cervães freguesia tão telefonada e electrificada, só ter uma estrada a ligá-la com Cabanelas, Ucha e ver andar parada lá que vai ligar, um dia se Deus e o governo quizerem com Oliveira ou Barcelos, a que prometem há que séculos já! — ligá-la e mal — a liga com Parada e Oleiros, por não a concluírem ou por pouco, e a que a irá ligar com Albeira Igreja Nova e as estradas para Freixo, Ponte e Vianna, esta paradisíaca apesar de haver verba aprovada para a apedrar e continuar quem acha bem quem me não vem ajudar a dizer aos que as pediram: não se calem! Os senhores devem estar já cansados de descansar, de com o seu silêncio peixar correr os benefícios para os que falam às horas e às meias...

Já escrevi, demais para minha péssima vista, cada vez peccando dia a dia.

Por amor de Deus e a bem do vale do Cávado e do Neiva, com os Governadores Cívís de Braga e Vianna, com presidentes das juntas distritais e das Câmaras Municipais de Vila Verde, Barcelos, Ponte, etc. trabalhem todos a (ver se vemos fazer-se tudo — «A Bem da Região» que foi berço e mãe do 28 de Maio.

Deus nos ajudará e venceremos! — espero que venceremos!

C. BACELAR

S. Pedro de Volbom

Julho, 11

NAS TERMAS — A fazer a sua habitual cura de águas, encontra-se há dias nas termas de S. Vicente (Douro) o Reverendo Pároco desta freguesia, P.e Manuel de Araújo Regadas e o Sr. Manuel Dias, benquista comerciante do lugar do Urzale nosso estimado assinante. Desejamos-lhes boas férias. — C.

S. Miugel de Oriz

Junho, 27

DE VISITA — Com demora de poucos dias encontram-se entre nós os nossos contreraneos Manuel Joaquim da Costa e esposa, que de Lisboa vieram descansar à sua casinha do lugar de Mazagão.

PARA O PORTO—Dentro de dias vai fixar-se no Porto o nosso contreraneó e estimado assinante Sr. António Filinto de Araújo Regadas, que na cidade invicta se vai dedicar à vida comercial, com um Bar-Restaurante situado no centro do burgo tripeiro. Muitas felicidades.

OBITO — Com 65 anos de idade, depois de vários meses de penoso sofrimento, findou os seus dias terrenos, no passado dia 22 do corrente, a Sr.ª Rosa Maria Taveira Meireles, do lugar de Mazagão. O seu funeral realizou-se no dia 24, ficando os officios fúnebres por sua alma para hoje, devido à solenidade do dia do funeral.

Paz à sua alma e pêsames à família enlutada. — C. IDEM, 11

BAPTISMOS — No dia 3 do corrente, foi baptizado na igreja desta freguesia mais um filhinho de António Fernandes e Adelaide Dias Ribeiro, do lugar de Mazagão.

Ao neófito, que recebeu o nome de João, serviram de padrinhos o tio paterno Manuel António Fernandes, desta freguesia, e Matilde Ribeiro Dias, tia materna de Barros.

— Em 10, e com o nome de Carlos Alberto, foi baptizado outro menino, filho de António da Silva e de Judite Martins Torres, da Arrábida (Boi-Morto). Foram padrinhos os tios maternos Carlos Vieira Torres e Clotilde Vieira Torres, da freguesia de S.ta Marinha de Oriz.

CAMINHO DA IGREJA — Por iniciativa do Presidente da Junta, começaram os trabalhos de alargamento e terraplanagem da estrada que do lugar de Boi-Morto leva à igreja paroquial. Desta vez os trabalhos vão pelo menos até à chamada «Fonte da Boa-Vista» e a sua boa execução ou continuação adiante dependem da colaboração que os habitantes da freguesia derem a este benefício. — C.

S.ta Marinha de Oriz

Junho, 27

BAPTISMO — Com o nome de Joaquim, foi baptizado na nossa igreja paroquial, em 25 do corrente, um menino, filho de Armando de Oliveira e Ana Marques, do lugar dos Pedregos. Foram padrinhos do neófito Joaquim de Castro, desta freguesia, e Alzira de Lima Gonçalves, de S. Miugel de Oriz.

CASAMENTO — Na paroquial de Paçõ, consorciaram-se, no mesmo dia 25 do corrente, os jovens António Fernandes Arantes, do lugar de Outeiro, desta freguesia, e Olívia de Almeida Alves, da dita de Paçõ. — C.

IDEM, 11

DE VISITA — Em visita breve a suas famílias, vieram de Lisboa os srs. José Maria Dias e Benjamim António Fernandes, do lugar da Regada.

DESORDEM e COMP. — Ontem, domingo, foi dia assinalado nesta freguesia, que aliás goza da fama de pacata, por algumas desordens e borracheiras... de péso. Não era o calor que apertava... «Era o vinho meu Deus, era o vinho que

Uma recordação

Minha alma se extasia a meditar
Exposta ao sol dum dia, que viera,
Que roubou, ao verão a primavera,
Que me epaixona, que me faz chorar!

Este dia não queira mais voltar,
P'ra não lembrar carinhos, que perdera,
Desde que, nesta vida, me prendera
A um ente, que jámais deixei de amar.

Recordo, com saudade, a minha Alneje,
Um amor, que me ampara e me protege,
Que não pensa em sofrer, o que eu sofri...

Eu não posso, de amores, sofrer mais,
Já não consigo suportar meus ais
E foi tão curta a vida, que vivili...

Em 11 de Junho de 1960

MANUEL DA SILVA LOPES

Parada de Gatim

CARREIRA — Pelo que dizem, teremos dentro de poucos meses, carreira por esta freguesia, graças aos srs. Vitorino Gomes Pinto, Professor Francisco Araújo Almeida e outros que não se têm poupado a esforços, para que este melhoramento nasça o mais depressa

CASAMENTO — Na paróquia de Águas Santas — concelho da Maia e Diocese do Porto, uni-se em matrimónio Álvaro da Silva Dantas, filho de Ana da Silva Dantas, natural desta freguesia e residente na referida paróquia de Águas Santas, com a menina Laura Pereira Gomes, natural da freguesia de Figueiredo — Braga. Os noivos fixaram residência em Águas Santas.

OBRAS PAROQUIAIS — Continuam as obras de restauração da nossa igreja. Estão já gastos alguns contos, mas ainda é preciso gastar muito mais. Há pessoas que quando o Rev. do pároco fala na homília, em obras da igreja, correspondem, como é seu dever mas outros há que fogem como o diabo à cruz.

Todavia, as obras correm num ritmo que não se esperava.. Compreendamos todos o nosso dever de cristãos.

ANIVERSÁRIO — No dia 28 do corrente mês, festejou o seu aniversário natalício, na cidade do Rio de Janeiro, o jovem José da Silva Correia, filho do nosso ilustre assinante sr. Manuel Correia. — Parabéns. — C.

LAJE

Encontra-se entre nós, na Quinta de S. José, em férias, o ilmo senhor José de Portugal Dias, de Braga. Cumprimentos e boas férias para S. Ex.cia.

SOUTELO

O Ex.mo Sr. Coronel Feio Vale, de Braga, encontra-se entre nós a fim de passar uns dias de férias. Cumprimentos e votos de bom descanso.

ANEDOTAS

No restaurante, o freguês encontra dois cabelos no bife. Chama o criado e diz-lhe:
— Outro bife, mas à escovinha.

A cerimónia do casamento está quase a terminar. Na assembleia um certo cavalheiro volta-se para o companheiro do lado e pergunta:
— O amigo vai até ao cemitério?

— Faz espelhos.
— E a tua mãe?
— Vê-se neles.

PENSAMENTOS

A palavra impossível é uma palavra infeliz; nada se pode esperar daqueles que a usam frequentemente.
(Carlyle)

A vida, para mim, não é uma simples velinha de curta duração. É antes uma tocha potente, que tenho actualmente nas mãos e que desejo dê a maior quantidade possível de luz, antes de confiá-la às futuras gerações.
(Bernard Shaw)

eu adorava... Assim dizia notável orador sagrado e a antiga. Quanto às desordens, essas foram... só por causa dela... professor do Seminário de Braga, Rev. do Dr. Álvaro Dias, que assim preparará o povo para o Sagrado Lausperene, que se efectua de 17 para 18 do corrente. de pregações, confiadas ao

PREÇO ANUAL DE ASSINATURAS:	
Continente	25\$00
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	55\$00
» (via aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	65\$00
» (via aérea)	160\$00

Urge acudir à Lavoura

(Continuação da 1.ª pág.)

além de outros 20.000\$00. Quer dizer mil escudos por habitante.

No artigo anterior já dissemos que é precisa a organização, industrializar a cultura agrícola e a venda dos seus produtos.

O que causa pena é saber-se que o Concelho de Vila Verde, se arrear caminhar, tem condições para ser um dos mais ricos de Portugal.

Tem regiões de frutas admiráveis, sem concorrência.

Já o citamos. Na maior parte do Concelho há a boa laranja, noutra, a excelente maçã, cereja, azeite, melão, castanha etc.

Nos campos dessas regiões plantem árvores aos milhares com estes frutos. A venda é sempre garantida, desde que nos organizemos.

Conheço campinhos que não dariam meio carro de pão a darem mais de 3.000\$00 em laranjas.

Farão a objecção: onde iremos procurar o dinheiro para essas plantações, onde comprar as fruteiras aos milhares?

Façam vocês os seus próprios viveiros, alporquem as suas árvores.

Quanto possível não tragam árvores de fora. As nossas já deram provas, estão aclimatadas e são as qualidades tradicionais.

Se todos os anos alporcarmos e enxertarmos bravos com as nossas qualidades, em poucos anos, teremos extensas regiões onde cresça o ruinoso milho, transformadas num filão de boas frutas.

É preciso andar, não estejamos sempre à espera que o Estado mande andar.

Consequentemente virão as Adegas Cooperativas e a Cooperativa das frutas, com a industrialização das nossas frutas em fábricas de conservas etc.

Temos uma riqueza nas frutas quase abandonada.

Não escreveríamos estes artigos se vissemos a ruína da Lavoura do Concelho de Vila Verde sem remédio, mas, pelo contrário, todos sabem a riqueza que está por explorar nas frutas do Concelho. Só aí está a nossa salvação com a criação de gados, melhor feitoria e colocação dos vinhos e cultura do milho nas boas terras e ribeiros.

Têm a palavra todos os lavradores do Concelho muito mais a gente nova.

Para as adubações, correcção dos terrenos, a CUF fornece técnicos e estudos gratuitos, sem quaisquer compromissos ou encargos, é só dirigirem-se ao seu agente no Concelho, o senhor José Manuel dos Santos; o mesmo faz o Posto Agrário de Braga, é só dirigirem-se ao Grémio da Lavoura.

Vila Verde, 26 de Julho de 1960.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

Administração

Novos assinantes

São novos assinantes os Ex.mos Senhores António Mendes Ferreira, por meio de Silvino Jorge Dias Peixoto, P.e Magalhães Abreu, Joaquim da Mota Costa, José Ferreira e Manuel de Sousa Araújo.

Pagaram os Ex.mos Senhores:

Até 19-3-61: D. Albertina Tasso Sousa Lima, Dr. Alberto Ribeiro, Alcino Cunha, Américo Joaquim de Queirós, António da Costa Moreira, António da Silva Oliveira, Domingos Fernandes, Francisco Gomes de Macedo Júnior, Francisco Lopes Ferraz, Jerónimo Fernandes, João da Costa Moreira, Dr. João Rodrigues de Sousa Lima Cruz, José de Abreu Lemos, José Alves Balugães, José Avelino Peixoto, Dr. Manuel António Magalhães Carvalho, João Meireles Barros e Manuel Ferreira de Araújo Laje;

Até 16-7-61 Manuel Gomes;

Até 3-3-61 Rogério Oliveira Nogueira;

Até 20-1-60 Domingos Quintão do Vale;

Até 19-3-60 Alberto Eduardo da Silva, Albino José de Oliveira, António Gomes Peixoto, Capitão Abel António Soares Nogueira, Francisco Augusto Pereira de Sousa, Gaudêncio Carneiro Quintão, Luís de Oliveira, Manuel da Costa, D. Noémia Laura da Fonseca, Paulo da Silva Peixoto, Pedro Sousa Lima, Rosa Alves Ferreira e Zacarias Dias Peixoto;

Até 28-10-60: João da Silva Mendes;

Até 19-3-59: Armando Martins Braga, Francisco Alves e Manuel António Gomes.

ANEDOTAS

—Hoje em dia, metade do povo anda de automóvel.

—E a outra metade?

—A outra metade anda debaixo do automóvel.

—Sabe qual é a diferença entre o lavrador e a ovelha?

—Não.

—É a seguinte: a ovelha é tosquiada só uma vez no ano, ao passo que o lavrador a tosquia muitas vezes.

Um jovem casal está aflito por não arranjar casa.

—Tu deves ir para casa de teu sogro—aconselhou o amigo do esposo.

—Impossível, meu sogro ainda está em casa do sogro dele.

Hoje, Missa Nova, em Mós

(Continuação da 1.ª pág.)

ne, uma grande e apoteótica festa, a que vão assistir muitas centenas de pessoas das mais diversas condições sociais deste concelho, entre os quais se encontrará, se Deus o permitir, o autor destas linhas, que aos omáveis leitores desde já promete circunstanciado relato.

Francisco Sérgio

Moderno e obsoleto

Na Época Medieval a poesia era uma manifestação espiritual muito elevada, rara nas pessoas — própria de espíritos superiores. O privilégio de ser poeta era tal, que os reis e grandes senhores chamavam os poetas para as suas cortes ou palácios; as rainhas e princesas orgulhavam-se de ser cantadas pelos magos da poesia. Os poetas, por seu turno, também não banalizavam a arte de trovar e fazer versos, pois só cantavam nas suas odes os deuses, os santos e os seus milagres; a pátria, feitos heróicos e lendas; as mães se queixavam da ausência dos seus amigos às irmãs. O trovador cantava a sua dama, elevando a mulher a uma espécie de culto. Cantava-a com elevação de espírito, fazendo o seu encómio com engenho e arte, mas ocultava o seu nome, usava nomes supostos ou fazia-se passar por dona.

Com os trovadores apareceram os segréis e jograis — homens menos privilegiados que fizeram da poesia arte lucrativa, aceitando paga pelas suas composições. Andavam de castelo em castelo ou de porta em porta: os segréis comendo ou imitando poesias feitas por outros poetas e os jograis, tocando vários instrumentos, cantavam as poesias dos trovadores. E, assim, a poesia feita primeiramente para reis, príncipes e damas, desceu dos fastuosos palácios, passou por montes e vales e chegou aos campos, onde aí, as musas iam colher dizes de flores e espiritualizar o povo. E do bucolismo dos campos nasceram vários géneros de poesia de sabor popular, inspirados nos mais doces motivos: cantares da manhã e da tarde (alba e serena), muito simples e ligeiros; idílios ou élogos entre o pastor e a pastora ou guardadeira de gado (pastorela), poesia muito ingénua cantada em forma de diálogo ou simplesmente cantada pela pastora e acompanhada pelos pastores ao som dos seus câlamos.

E da Época Medieval passámos à Clássica, passando a poesia de escola em escola, de joieira em joieira, — assim como os costumes, até ao Romantismo — até aos nossos dias. Mas com a influência do Romantismo ou com o ruído das máquinas e de outros eventos modernos, parece que as musas se afastaram um pouco ou debandaram assustadas, e a arte de fazer versos é hoje menos cultivada... e a melopeia dos cantos só chega até nós em ténues solfejos quase imperceptíveis ou como um tamborilar monótono. E outras coisas mais da Idade Média, também ficaram pelo caminho; bons costumes e boas maneiras.

A Mulher que o Cristianismo tanto defendeu, tirou da escravatura e da barbárie e colocou no mais alto pedestal, que foi cantada e cortejada com galantaria na Idade Média, é hoje, por vezes, menos respeitada nas ruas por certos trovadores «donjuanescos» que a «cortejam» com galanteios de sentido ambíguo, maliciosos — ou mesmo com palavras indecorosas (palavrões!), gestos atentatórios à moral e ao pudor.

Na plenitude da Época Medieval, a mulher recebia uma educação esmerada, mesmo puritana, em família, confiada a educadores recomendados, que lhe ensinavam os princípios e labores femininos ou artísticos daquela época, mas sem nunca sair do ambiente familiar e mal podia pisar a rua dentro da sua idade núbil, por ser considerada nefasta a uma futura esposa e educadora maternal. Hoje já aparece na rua, estuda e trabalha em franca camaradagem e convívio com o homem. A Igreja e as escolas modernas deram-lhe uma mentalidade e preparação para a vida, de molde a que possa enfrentar as «correntes» de carácter menos moralizador, que o Romantismo, o Cinema e outros meios de cultura e divulgação nos trouxeram. Ora isto da mulher já sair à rua, ao contrário dos tempos dos nossos ancestrais, parece indicar que os educadores e moralistas não vêem mal nisso e, que ela encontrará aí um ambiente agradável e acolhedor como em sua casa. Infelizmente nem sempre poderá estar tão segura desse acolhimento que espera e precisa, e, por vezes, até terá de corar de vergonha ao ouvir certos «galanteios» aos quais já nos referimos.

O galanteio que na Idade Média tinha o seu sabor poético, é hoje, muitas vezes feito com grosseria ou com palavras obscenas. Temos assim, a poesia expulsa pelo palavrão, pelo grosseirismo!

É lamentável — dolorosamente lamentável que haja tanta insânia, tanto indecoro e tacúndia de locanda imunda, da parte desses «meninos bonitos», da série dos «D. Juans» ou dos tristemente famigerados «teddy boys», que tentam imitar os galãs das películas americanas, usando para isso dos mais condenáveis processos: gestos lúbricos e desapudorados, trajando extravagantes indumentárias e praticando as mais inqualificáveis tropelias.

Para combate deste mal é impotente a repressão policial. O agente da autoridade não pode estar em todos os sítios para dar caça a esses malandrins. É preciso que as pessoas cívicas e moralmente bem formadas colaborem, denunciando às autoridades os prevaricadores.

É consolador ir a Espanha e ver como se «portam» os «nuestros hermanos» que cultivam o galanteio, —

É CATÓLICO?

— Que pergunta! Claro que sou católico. E tenho muito orgulho em o ser!

— Muito bem, amigo! Os meus parabéns! Mas já pensou na importante obrigação que têm os católicos para com o jornal católico?

— Primeiro: que é o jornal católico?

— Jornal católico é o que se apresenta, segundo os princípios da Santa Igreja Romana. Vê tudo à luz da verdade cristã. É indisponível. É a opinião pública na comunidade cristã. Não só

informa como também forma rectamente.

Transmite-nos o pensamento da Santa Igreja no relativo às circunstâncias de cada momento. É a voz da Verdade. Ora o católico deve amar a verdade.

— Bom. Mas gostaria de conhecer pelo nome algum jornal católico.

— Nada mais fácil. O quinzenário que está lendo, «O Vilaverdense» é bem católico e por sinal bastante necessitado da sua ajuda. Devia entrar em cada família deste concelho e ser recebido como um grande amigo. Como vilaverdense católico assine «O VILAVERDENSE». Se quer também um diário tem o «Diário do Minho» ou então, e melhor, o grande jornal «NOVIDADES».

— Mas tenho mesmo obrigação de os auxiliar?

— E não é pequena. Pois não vê que como cristão é obrigado a ser apóstolo e que favorecendo o jornal católico já faz bom apostolado? De resto, é o jornal católico que defende os seus interesses de bom cristão. Como não há-de então ajudá-lo.

— Como devo ajudá-lo?

— Deve assiná-lo pagando-os. Mas também os deve ler, mostrar e tornar conhecidos. Procurar que muitos o assinem. Fazer neles os seus anúncios.

Transmitir-lhes as informações que julgue importantes. Interessar-se por eles, amá-los e ajudá-los tanto quanto possa.

Sobretudo não diga mal dos jornais católicos. Antes de dizer que pouco valem pergunte a si mesmo se já fez alguma coisa para os valorizar.

ANEDOTA

Na aula de geografia:

— Menino, mostre aí no mapa onde ficam as Canárias.

— Julgo que não estão cá!

— Ora essa!

— As Canárias devem estar na gaiola com os canários.

Jovens sem luz

(Continuação da 1.ª pág.)

temunho, ouvir-se dizer a todo o momento a uma criança caturra: ou vais ou apanhas! Péssima norma adoptada!

Todos nós sabemos que é, talvez, a maneira mais fácil de, de momento, sermos obedecidos, mas é, longe de dúvida, a de piores consequências num futuro talvez muito próximo.

Pisa o melhor caminho todo o educador que, cónscio dos seus deveres e dos meios a seguir, se esforça, numa luta titânica em levar a criança a cumprir, não por medo do castigo nem esperanças numa guloseima, mas para integral cumprimento dum dever porque Deus o quer e a consciência o manda.

Dizer-lhe antes de mais que faça porque deve fazer e que obedeça porque deve obedecer, será o melhor princípio. Na medida da compreensão da criança, sobretudo depois de uma certa idade, desconhece-se até ao presente melhor conduta e de melhores resultados práticos para a vida.

Bem mal vão todos os que conseguem os seus fins à custa de promessas descabidas ou punições estúpidas que, muitas vezes só servem para embrutecer a criança, para a obrigar a agir com medo e por vezes fazer dela uma louca, indesejada pela sociedade e aborrecida de todos. Não seria, por vezes, inoportuno, que o marmeleiro se vergasse para as costas do carrasco com aparências de educador.

(Continua)

a) José Maria da Silva Lopes

mas com moderação e decore, sem irem de encontro aos bons costumes ou ofender a moral pública. Assim está bem. Cultivar o galanteio como prova de simpatia ou amizade para com outra pessoa, prova estímulo e revela, sem dúvida, um elevado grau de civismo. Doutra forma, cortejar seria o mesmo que insultar, aviltar qualquer pessoa que cruzasse connosco na rua.

Santa Maria, 28-5-60.

Alves de Araújo